

62

Lacan e A Ciência

27/5/90

~~27/5/90~~ Freud possui um ideal da ciência e uma ciência ideal. Para Lacan, a ciência não é um ideal para a Psicanálise. Kojève : há um corte entre o mundo antigo e o moderno. é um efeito do cristianismo. Koyré : entre a ciência antiga e a moderna, há um corte. A ciência moderna é matemática, galileana. Portanto, a ciência é cristã e, em última instância, judaica.

A periodização em Lacan não é nunca a do matema, mas a da "conversation savante", ela nunca diz a última palavra. O cientismo de Freud domina as sociedades analíticas, é o preço a pagar pelo ideal da ciência.

Necessário : ce que ne peut être que ce qu'il est. éternel : ce que ne vient à être ni cesse d'être.

A letra para Galileu não funciona mais como ideal, forma, mas como diversidade. A ciência moderna visa o que é contingente e não mais o necessário, como a ciência antiga : aucune lettre n'abolira le hasard. Popper : se a ciência é falseável, é ciência do contingente.

Unbewuste : em alemão, o prefixo não é apenas negativo, un quer dizer aí o que desfaz o consciente. A Psicanálise é uma doutrina do universo infinito e contingente. A morte nada é na análise enquanto finitude, a morte entra enquanto marca da infinitude : a pulsão de morte. Se a filosofia de Heidegger é uma filosofia da finitude, a Psicanálise é antiheideggeriana. Para a ciência, o universo é um todo, ele é

infinito.

Propriedades transcendentais → ser um  
 ( Albert le Grand) → ser verdadeiro  
 → ser bom

O significante faz parte de uma ontologia transcendental. A propriedade do significante é transcendental e reduz a si todas as outras. A teoria do sujeito é também transcendental : toda redução que se faça, reencontra sempre o sujeito e suas propriedades (eclipse etc.). Lacan teria fornecido uma crítica da faculdade de si (soi) como reescritura da Crítica da Razão Pura?

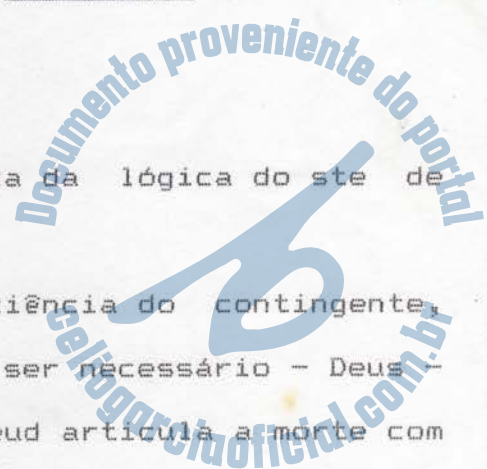
Contudo, o pensamento mesmo de Lacan resiste a ser reabsorvido num método transcendental : é a função da contingência, é por isto que ele não escreveu outra versão das 3 críticas.

Se a contingência não pode estar do lado do entendimento, deve estar no corpo, no lugar da sexuação : que existam dois sexos é contingente, que se esteja de um lado ou de outro (do quadro das fórmulas de sexuação) é contingente, é literalizável. O inconsciente tem a função do infinito. A letra cerne o contingente, mas o torna necessário uma vez que o toma (le prit).

#### Debate

P. Henry - Badiou fez uma crítica da lógica do ste de Miller e da sua leitura de Frege.

Milner - Se a ciência não fosse ciência do contingente, mas do que é necessário, a ciência do ser necessário - Deus - seria "mais" ciência que as outras. Freud articula a morte com



o infinito e não com a finitude. C. Jambet escreveu (aonde ?) que a morte era central para Lucrecio. Para nós, é a sexualidade. *Deitou-se complementar o Todo da Ciência com Deus ou o homem.*

Nós não sabemos o que dizemos quando falamos em morte por que é uma proposição negativa, nega o que diz.

- Et Carpentras ! Vous oubliez Carpentras! (alguém da platéia esbraveja)

Milner - A questão da morte não é a do cadáver.

Milner ( em resposta a outra questão) - <sup>significante é</sup> diferente de letra. Pode-se deslocar uma letra, <sup>(cf. LA LETTRE VOUSÉE)</sup> não um ste, a letra tem uma positividade.